

Jpn a4

21.04.2008. número 4. Director: Rui Centeno.
<http://jpn.icicom.up.pt/>.

ÍNDICE CULTURA página 2. PORTO página 4. UP página 6. MUNDO página 8.
CIÊNCIA página 9. ÚLTIMA página 10.

Pedro Burmester: “O público da Casa da Música ainda está a crescer” página 2



“Não há minuto em que não pense na Casa da Música”

Catarina Osório - ljcc05028@letras.up.pt



No terceiro aniversário da Casa da Música, o director artístico, Pedro Burmester, fez um balanço da fundação e anunciou novidades para a programação de 2009.

Pedro Martins da Costa Burmester tem 44 anos. Nasceu no Porto, em 1963, e tem três filhos. Anunciou recentemente que vai deixar a Casa da Música, da qual é director artístico desde 2006, para abraçar de novo o piano, instrumento que começou a tocar aos 10 anos.

No seu currículo, para além da formação superior de excelência no piano e o reconhecimento enquanto pianista, está a actividade de programador da Porto 2001. Esteve presente, há 10 anos, na Comissão Instaladora da Casa da Música.

Em entrevista ao JPN, diz que o que as “missões essenciais” pensadas aquando da idealização do projecto estão cumpridas.

Anunciou que vai abandonar o cargo por motivos ligados à carreira musical. Há outras causas ligadas ao projecto Casa da Música (CdM), com os quais se sente insatisfeito?

Não. Essa é uma decisão essencialmente pessoal. A CdM ocupou-me 10 anos de uma forma muito intensa, essencialmente no tempo mental. Não há dia, não há minuto que eu não pense no projecto. A CdM está no rumo certo e eu gosto mais das coisas que começam do que aquelas que já estão em velocidade de cruzeiro. É uma decisão pessoal, quero mudar de vida de alguma maneira e tinha que sair da CdM para o conseguir fazer.

O seu nome esteve ligado à CdM desde o início. Que balanço faz destes três anos?

Um balanço muito bom. Para tão poucos anos de vida a CdM já consegui ser reconhecida nacional e internacionalmente. Hoje é uma passagem obrigatória para quem visita o Porto. Muita gente a conhece e os números também dizem isso. Cerca de 1 milhão e 200 mil pessoas neste três anos passaram pela casa.

Mas mais importante é o facto de a casa e o projecto terem nascido juntos e em articulação, o que fez com que quando abriu já se tivesse uma ideia bastante clara do que

é que se ia fazer lá dentro. E isso, parecendo uma coisa óbvia, não é muito comum de se encontrar.

O que é que faz a Casa da Música ser diferente das outras salas de espectáculo do Porto?

Eu até diria mais, é diferente de muitas outras salas, tanto de cá como lá fora. Não encontrará em muitos sítios um espaço dedicado à música que tenha, por exemplo, as estruturas residentes que nós temos.

Não encontra outra casa onde as várias áreas [musicais] são programadas em conjunto e articuladamente e por um mesmo conjunto de pessoas.

É interessante ver que mais espaços começam a ter esta filosofia e até é de certa maneira curioso que, por exemplo, o Centro Cultural de Belém tem hoje uma orquestra residente. Outros espaços caminham na mesma filosofia da CdM, uma filosofia democrática e de não haver hierarquias entre músicas mais importantes ou menos importantes.

Em 1998 fazia parte da Comissão Instaladora da Casa da Música. Passados 10 anos, a imagem que tem desta fundação é a mesma que tinha projectado na altura?

É. Há peças que ainda faltam, há coisas que ainda faltam melhorar, digo sempre que, no fundo, ainda está tudo por fazer. Até porque a CdM deve ter esta filosofia de que nunca nenhuma solução que ela encontra deve ser pensada como definitiva. Os tempos são cada vez mais rápidos, as coisas mudam cada vez mais depressa. A Casa da Música tem que ter a capacidade de se integrar sempre na actualidade.

Grosso modo, aquilo que tínhamos previsto, falado e pensado, que era importante dar à cidade naquela altura, está lá. Salas de concertos de qualidade, espaço para a orquestra ensaiar, um projecto educativo forte com uma actividade muito intensa e direccionada para a formação de novos públicos, escolas, para pessoas com menos possibilidades ou mais velhas. Essas missões essenciais estão cumpridas.

1 milhão de pessoas visitaram a Casa da Música neste três anos. No primeiro trimestre deste ano houve um aumento de 30% de visitantes. O público da Casa da Música ainda está a crescer?

Está. E acho que só vai parar de crescer quando tivermos todos os eventos esgotados - isso é uma meta a atingir. Eu tenho sempre algum receio dos números - vivemos numa época onde as estatísticas parecem que são a coisa mais importante. Esta crescente pressão de ter mais lucro, mais audiência é um caminho perigoso porque por si só não acrescenta nada.

Embora os números nos dêem conforto (no sentido de estarem a aumentar as receitas, o que é importante para a própria sustentabilidade do projecto), interessa-me que estes números demonstrem qualidade. A mim é um factor mais importante saber que tenho na Casa da Música públicos muito diversos e satisfeitos com o que lá vêm e públicos com vontade de voltar. É tão ou mais importante do que o número puro e duro.

Considera que foi uma peça fulcral na consolidação do projecto?

Terei sido mais na pacificação do projecto. O facto de eu ter feito algumas “guerras” para a defesa do projecto fez com que à volta da Casa da Música houvesse sempre uma aura de alguma polémica, de alguma confusão política e de algum atrito. Para além da mais-valia que eventualmente poderei ter trazido à própria melhor organização e definição de uma estratégia da programação, essa questão mais política foi importante.

Esses foram os aspectos menos bons no seu mandato?

Esses aspectos foram bons. Toda a polémica que o projecto gerou, toda a discussão na praça pública fez com que ele fosse muito discutido. Essa discussão tão intensa de muita gente, mais do meio, menos do meio, mais da política ou cidadãos anónimos, foi muito saudável.

“Não temos uma programação de topes”

Catarina Osório - ljcc05028@letras.up.pt

Um coro e novas valências no Clubbing, noites mensais com sucesso visível, são caminhos a seguir na Casa da Música.

Está a preparar a programação para 2009. Quais são as linhas mestras que está a aplicar, as grandes apostas?

São exactamente as mesmas que iniciámos em 2007. Delineámos uma estratégia que vou manter nos três anos (2007, 2008 e 2009). Vamos perceber melhor o que é que os públicos gostam ou não gostam, querem ou não querem, sem com isso fazer cedências fáceis ou ir por soluções fáceis de agradar apenas porque mais pessoas gostam. Não é uma programação evidente aquela que a Casa da Música faz. Não é a programação de topes.

Espero que para o ano possamos iniciar o processo para a constituição de um coro na Casa da Música. Gostaria de acrescentar outras valências ao Clubbing, por exemplo música clássica - seria muito interessante termos numa mesma noite um grupo rock numa sala e um agrupamento a tocar Bach noutra, dando a mesma informalidade aos concertos -, gostaria de podermos ter um serviço de *babysitting* associado a alguns concertos.

Que balanço faz do Clubbing?

Acreditei sempre que iria funcionar muito bem, e isso até se verificou mais cedo do que o que estava previsto. O Clubbing consegue trazer muita gente de uma faixa etária mais nova. Daqui para a frente vamos programá-lo de modo a torná-lo mais interessante do ponto de vista musical, no sentido de ser cada vez mais um evento essencialmente para ouvir música e não tanto com o espírito que ainda tem. Esse lado actual é importante, mas eu gostaria que as pessoas fossem ao Clubbing para ouvirem a música e menos para beber uns copos.

A CdM trouxe uma nova actividade cultural ao Porto, contaminando de certa forma outros agentes culturais da cidade?

Não sei se assim o fez. Pelo menos veio contribuir para afirmar o Porto ainda mais como uma cidade, um espaço e uma região que tem um potencial muito grande para apostar nas indústrias criativas e na cultura em geral.

Como um factor de diferenciação, de identidade, a Casa da Música contribui porque traz muita visibilidade. Com esse impulso que ela dá, certamente que muitas outras instituições, maiores e mais pequenas que trabalham na região, têm um estímulo para dizer se o Porto se afirma como espaço da cultura.

Isso foi visível no Porto 2001. Houve um incremento muito grande de eventos e todas as pessoas se perguntavam se haveria público para dar resposta a todos esses eventos e verificou-se que sim. Um coisas arrastam as outras.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/11/>

JMP quer gestão público-privada para o aeroporto

Sara Otto Coelho - ljcc05070@up.pt

Junta Metropolitana do Porto defende modelo de gestão público-privado para o aeroporto Sá Carneiro, “autónomo” do novo aeroporto de Lisboa. JMP quer reunir com Governo, Sonae e AEP.

A Junta Metropolitana do Porto (JMP) anunciou, sexta-feira, que vai defender uma parceria público-privada para o aeroporto Sá Carneiro, no Porto, bem como uma gestão “autónoma do novo aeroporto de Lisboa”, afirmou o presidente da JMP, Rui Rio.

A decisão vai de encontro ao estudo feito pela Deloitte e pela Faculdade de Economia do Porto (FEP) que defende que, para um pequeno aeroporto europeu como o Sá Carneiro, no Porto, o modelo mais favorável é uma parceria público-privada, onde os interesses públicos sejam assegurados pelas autarquias e afasta totalmente a possibilidade de uma sociedade única poder gerir todos os aeroportos nacionais, estratégia que o modelo do Governo defende.

Após a reunião da JMP, Rui Rio anunciou que o objectivo passa agora por uma reunião com o ministro das Obras Públicas ou com o ministro das Finanças, com a meta de tentar encaminhar os destinos do aeroporto na direcção do estudo, já que a JMP não possui “tutela sobre o aeroporto”.

No entanto, e apesar do estudo desaconselhar a gestão unicamente privada, a proposta agora apresentada pelo presidente do conselho de administração da Sonae Belmiro de Azevedo não contempla a parceria, mas sim uma total gestão privada no aeroporto em conjunto com a Soares da Costa e eventualmente mais investidores particulares.

Encontros com Governo, Sonae e AEP

A JMP, após reunião com o Governo, pretende encontrar-se com a Sonae, único grupo privado que demonstrou, até ao momento, interesse no aeroporto, de forma a discutir os pormenores da gestão. A terceira e última reunião da JMP será, segundo Rui Rio, com a Associação Empresarial de Portugal (AEP), no sentido de angariar possíveis investidores.

Questionado sobre as intenções do grupo de Belmiro de Azevedo de fazer uma gestão totalmente privada no aeroporto Sá Carneiro serem atendidas, Rui Rio optou apenas por enaltecer a importância do interesse da Sonae, e frisou que não está nas mãos da JMP decidir quem fica com a gestão da infra-estrutura.

Contudo, o presidente da Junta Metropolitana lembrou que o estudo apresentado

pela Deloitte e pela FEP sugere que “a presença regional é importante” no sentido de salvaguardar interesses da região, mas que Belmiro de Azevedo admitiu utilizar parte dos lucros obtidos com o aeroporto na promoção do destino Porto e da Região Norte.

“Isto é como no metro, em que nós cedemos no seu modelo de gestão. O objectivo não é que a JMP esteja na administração da Metro, mas que a obra se faça”, comprou Rui Rio.

MIT ajuda Porto a ter energias sustentáveis

Joana Caldeira Martinho - ljcc0505l@letras.up.pt

Colaboração entre as duas instituições foca-se no estudo de materiais geradores de energia para alimentarem estações de metro e de TGV.

O Massachusetts Institute of Technology (MIT) está a desenvolver materiais fotovoltaicos para fornecer energia a edifícios, do Porto, enquanto a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) está a estudar a aplicação desta tecnologia ao TGV e ao metro da cidade.

No MIT está a ser explorada a “integração de nano-materiais solares flexíveis na construção com têxteis leves”. O objectivo é gerar energia renovável para sustentar estruturas arquitectónicas, explica Sheila Kennedy, professora do Active Cladding Studio da School of Architecture and Planning do MIT.

No Active Cladding Studio (Atelier de Revestimento Activo, em português), os alunos estudam formas de adaptar materiais

fotovoltaicos (que convertem luz em energia), de maneira a poderem revestir estruturas “de curvatura complexa”. “Utilizando software avançado de modelação 3D, materiais têxteis solares podem ser moldados em formas estruturais específicas que criam coberturas leves para telhados que convertem a luz solar em energia eléctrica”, afirmou Sheila Kennedy, por e-mail.

Desta forma, os edifícios podem tornar-se energeticamente autónomos e podem até “fornecer energia a espaços próximos ou aos utentes”, disse ao JPN Sofia Thenaisie, arquitecta que faz a ponte entre o MIT e a FAUP.

A investigação do MIT debruça-se também sobre a possibilidade de canalizar a energia, obtida pelos materiais fotovoltaicos, para ventilação, iluminação e telecomunicações. Sheila Kennedy interessa-se pela “influência” que as tecnologias sustentáveis têm “sobre a arquitectura e as questões urbanas”, especialmente sobre os

transportes públicos. Daí o interesse em projectar, com a FAUP, formas de adaptar estas tecnologias à futura estação do TGV em Campanhã e à estação de metro da Casa da Música.

É apenas um “projecto académico”, declara Sofia Thenaisie, mas foi já apresentado à Agência de Energia do Porto e à Área Metropolitana do Porto. A iniciativa da FAUP pressupõe o estudo dos edifícios das duas estações em causa, a fim de projectar estruturas que impliquem os materiais desenvolvidos pelo MIT. Embora estas tecnologias sejam mais dispendiosas do que as vulgarmente utilizadas, podem compensar a longo prazo.

A colaboração entre o MIT e a FAUP traduziu-se, até agora, na participação de oito alunos de Arquitectura num *workshop* com os alunos do MIT, no fim do mês passado, na FAUP.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/17/>

Sheila Kennedy acredita que o futuro de Portugal passa pela arquitectura sustentável



Planos de redução de ruído obrigatórios até 2009

Carla Camarinha - ljcc05026@icicom.up.pt

Laboratório de Acústica da FEUP elaborou manual técnico para ajudar autarquias a criarem estes planos, exigidos por Bruxelas.

A Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) criou um manual para ajudar os municípios portugueses a criar planos de redução do ruído, uma imposição da União Europeia que tem de ser aplicada até Fevereiro de 2009.

O trabalho da FEUP, elaborado por Oliveira Carvalho, do Laboratório de Acústica da FEUP, em conjunto com a docente Cecília Rocha, foi feito em colaboração com a Agência Portuguesa de Ambiente (APA). O principal objectivo é identificar situações de ruído e tomar medidas para solucionar os problemas dos municípios.

O manual possibilita uma actuação preventiva dos problemas e medidas de intervenção de acordo com o novo regulamento geral do ruído (RGR). O manual tem como

base o trabalho da FEUP na redução de ruído nos concelhos da Maia e de Santa Maria da Feira.

“Nós fizemos um trabalho sobre dois municípios, mas de forma ligeira e agora cada município tem de realizar o seu plano e efectuar as soluções possíveis”, adiantou Cecília Rocha, terça-feira, na apresentação do manual técnico.

“A primeira solução começa na fonte. Numa indústria há que reduzir, no aeroporto [Francisco Sá Carneiro] também, mas no número de voos”, exemplificou a co-autora do trabalho. No entanto, reconheceu, “será irreal concretizar tais alterações, visto que a ideia actualmente é impulsionar o aeroporto, mas há que criar barreiras que impeçam o ruído de trazer problemas à população”.

Um Plano Municipal de Redução do Ruído tem de conter quatro elementos: a identificação das áreas; a quantificação das áreas onde são excedidos os valores-limite;

a quantificação para cada fonte de ruído, a redução necessária e entidades responsáveis; e a indicação de medidas e respectiva eficácia.

Foi assim que foram criados os mapas de ruído para os dois municípios. Os coordenadores do projecto esperam ainda que outras cidades do país adoptem esta preocupação, apesar da dificuldade e dos eventuais prejuízos económicos.

“Portugal comete erros estratégicos há muitos anos e tem um deficiente ordenamento do território. Gostamos de viver perto dos acessos das auto-estradas”, lamenta Cecília Rocha.

Pelo menos 50 mil pessoas morrem todos os anos na UE devido a enfartes causados pelo excesso de ruído rodoviário e ferroviário, segundo um estudo da Federação Europeia para os Transportes e Ambiente, apresentado em Fevereiro.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/17/>

Mentalidades dos portugueses têm de mudar, diz co-autora do manual



Aluno da FEUP distinguido com Prémio REN 2007

Filipa Castro Reis- lj04019@icicom.up.pt

O prémio foi atribuído a José Miguel Ferreira pelo seu trabalho de mestrado. Entrega do galardão decorrerá no dia 13 de Maio em Sacavém.

José Miguel Ferreira, aluno da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), foi o vencedor do conceituado Prémio REN, em 2007.

O trabalho vencedor tem o título de "Projecto e Simulação de um Controlador FACTS (Flexible AC Transmission Systems) para Maximização da Controlabilidade e Capacidade de Transmissão do Sistema Eléctrico de Transmissão de Potência" e valeu ao aluno um galardão de 12.500 euros.

"Eu, no ano passado, tinha ficado em terceiro lugar, com um projecto de fim de curso que fiz com outro colega", contou ao JPN José Miguel Ferreira. Mas só este ano, com um trabalho assente nas "alternativas

à construção ou aumento de capacidade de linhas e corredores de transporte de energia eléctrica", é que o aluno da FEUP subiu ao topo do pódio da REN.

"Fico muito satisfeito por ter vencido este prémio porque vejo reconhecido, por uma empresa de referência, o meu trabalho de mestrado e também pelo prestígio que traz e que se torna num marco da minha formação académica", explica José Miguel Ferreira.

Ao longo dos últimos três anos o Prémio REN tem-se patenteado por um aumento sustentado de trabalhos a concurso (seis, nove e 15, entre 2005 e 2007). A cerimónia de entrega do Prémio REN 2007 decorrerá em Sacavém, a 13 de Maio.

Para José Miguel Ferreira, o factor essencial que fez o seu projecto destacar-se face a todos os outros em concurso prende-se com o facto de este abrir possibilidades de "melhorar o desempenho de transporte da

rede e permitir maior controlabilidade da rede, ou seja, responder a perturbações e tornar a rede eléctrica mais imune".

A FEUP conquista assim, através de mais um dos seus alunos, um prémio de relevância a nível nacional. "A FEUP, sem dúvida, é uma instituição de ensino de referência", diz o aluno.

O Prémio REN, instituído em 1995, visa intensificar os laços com as escolas de engenharia. É atribuído anualmente e distingue, em anos alternados, as melhores teses de mestrado ou os melhores trabalhos de licenciatura realizados em universidades portuguesas sobre temas no âmbito das redes dos sistemas eléctricos de energia e gás natural.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/21/>

FEUP conquista
prémio de
relevância nacional



João Paulo Gomes

AI denuncia situação das mulheres no Brasil

Filipa Castro Reis- lj04019@icicom.up.pt

Relatório da Amnistia Internacional baseia-se em entrevistas feitas a mulheres oriundas de seis Estados brasileiros e denuncia várias formas de abuso cometidas.

A Amnistia Internacional divulgou, quarta-feira, um relatório sobre a falta de segurança de que as mulheres são vítimas no Brasil.

O relatório revela histórias de “mulheres que são forçadas a viver, a educar os filhos e a lutar pela justiça social”, encontrando-se, muitas vezes, à mercê das ameaças e dos abusos das autoridades policiais e dos criminosos.

São os casos de Bárbara, Paula e Kátia, três mulheres que vêm as suas reclamações votadas à indiferença. O filho de Bárbara foi morto pela polícia. Durante anos, tentou que as autoridades fossem responsabiliza-

das. A batalha continua.

A filha de Paula foi assassinada por traficantes de droga. Mataram-na quando Paula se recusou a revelar o paradeiro do marido. Kátia tranca os seus filhos quando tem que ir trabalhar. Tem medo que, caso eles saiam, acabem por se juntar aos gangues. No entanto, não tem dinheiro para os colocar num infantário.

Críticas às autoridades

Este relatório procura mostrar que numa sociedade como a sociedade brasileira, muito polarizada e com muita violência social, as mulheres são uma vítima à parte. Existe uma flagrante falta da administração da polícia e do Estado nas favelas, como se estas fossem um território sem lei”, explicou ao JPN Victor Nogueira, da Amnistia Internacional

O relatório baseia-se em entrevistas feitas a mulheres de seis Estados (Bahia, Sergipe,

Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul) que se realizaram entre 2006 e 2007. As conclusões procuram demonstrar a passividade do governo brasileiro.

Três principais formas de abuso

Os vários casos analisados no relatório descreveram as três principais formas de abusos sobre as mulheres, nos Estados estudados. Podem ser usadas como “mulas” de droga ou como chamariz pelos traficantes, podem ser forçadas a ceder favores sexuais para pagar dívidas ou, nos casos das mulheres que são condenadas à prisão, isso pode significar a entrada num “sistema superlotado e com péssimas condições de higiene, onde poderão ser sujeitas a abusos físicos e psicológicos”.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/17>

Foram estudados pela Amnistia casos de mulheres de seis Estados brasileiros



Morreu Edward Lorenz, pai da Teoria do Caos

Vanessa Sena Sousa - ljcc05083@icicom.up.pt

Lorenz é conhecido pela sua famosa teoria do “Efeito Borboleta”.

Faleceu quarta-feira, aos 90 anos, vítima de cancro, o matemático e meteorologista que desenvolveu a Teoria do Caos, mais conhecida como teoria do “Efeito Borboleta”.

Lorenz partiu da premissa de que pequenos eventos podem causar mudanças caóticas a médio ou longo prazo e na década de 60, altura em que leccionava no Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) desenvolveu um estudo intitulado “Previsibilidade: O bater de asas de uma borboleta no Brasil desencadeia um tornado no Texas?”.

De acordo com Jorge Buescu, da Sociedade Portuguesa de Matemática e professor da área dos Sistemas Dinâmicos na Faculdade de Ciências de Lisboa, o que Lorenz descobriu foi “algo que durante quase uma década passou despercebido, porque as pessoas simplesmente não estavam preparadas para ouvir: a criação de caos determinístico”. Esta descoberta, de acordo com o professor, é “incrível” e, por isso mesmo, é considerada “uma das maiores contribuições para a física desde os tempos do Newton”. “Associamos a ideia de caos a ter muitas variáveis”, refere ao JPN.

“Aquilo que Lorenz demonstrou foi que sistemas muito simples podem exibir caos e na verdade bastam três variáveis”, exibindo assim, uma “dependência sensível das condições iniciais”.

Para o matemático Nuno Crato, o bater de asas de uma borboleta no Brasil como causadora de um tornado no Texas é “uma metáfora profunda”. A partir dela, Lorenz “mostrou que há sempre um grau de impossibilidade na previsão de certos sistemas”, como é o caso da meteorologia. A Teoria do Caos, para Crato, foi “importantíssima”, uma vez que “lançou praticamente um novo campo de estudo na matemática”.

Buescu explica que antes da Teoria do Caos as equações que não se podiam resolver eram “simplificadas até se transformarem em equações” passíveis de solução. Depois dela, percebeu-se que ao fazer-se isso pode-se “estar a deitar fora o bebé com a água do banho”, ou seja, corre-se o risco de se eliminar elementos importantes.

Jorge Buescu salienta que a Teoria do Caos “tem impacto em praticamente todas as ciências da natureza”, influenciando a física, economia, biologia e várias áreas da engenharia.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/18/>

Cientista e militar

Nasceu em 1917, no Connecticut. Formou-se em matemática na Universidade de Harvard em 1940, especializando-se em meteorologia no MIT entre 1943 e 1948, onde mais tarde deu aulas. Cumpriu serviço militar durante II Grande Guerra Mundial, trabalhando na previsão meteorológica para a Força Aérea norte-americana.



DR

FICHA TÉCNICA Director Rui Centeno. **Coordenador Geral** Fernando Zamith.
Chefe de redacção Pedro Rios. **Chefe de Redacção Adjunto** Tiago Dias.
Redactores Carla Camarinha, Catarina Osório, Duarte Monteiro,
Filipa Castro Reis, Joana Caldeira Martinho, Sara Otto Coelho, Vanessa Sena Sousa.
Design Gráfico Ana Gomes.

TSF com novidades em Maio

Duarte Monteiro - ljcc05037@icicom.up.pt

Estação vai promover em Maio uma série de discussões sobre o futuro da rádio. Manuel Acácio é o novo chefe de redacção.

A TSF está num processo de redefinição, sendo que as principais alterações assentam na grelha e na reorganização da equipa. Ao JPN, Paulo Baldaia, director da estação informativa, disse que “já está confirmada a promoção de Manuel Acácio a chefe de redacção”.

O último nome a ocupar o cargo de chefe de redacção da TSF foi Artur Cassiano, actual director de informação do Rádio Clube Português. Artur Cassiano esteve oito anos na TSF como director de informação, num

período em que a rádio era dirigida por Carlos Andrade e Fernando Alves.

Editor do “Fórum TSF” há vários anos, Manuel Acácio vai ser substituído nesse espaço por Margarida Serra, jornalista da rádio há 20 anos. A jornalista assume as novas tarefas “a partir de Maio, passando o fórum a contar com uma voz feminina”, explicou Paulo Baldaia. O director da TSF confirmou ainda Cristina Lai Men como nova directora executiva da rádio.

Durante os meses de Abril e Maio, a TSF vai ouvir a opinião de várias personalidades sobre a importância da estação no panorama informativo nacional. “Estamos com debates internos para pensar a rádio. Ouvimos pessoas que chamámos de fora para nos dizerem, com sentido crítico, o que pensam da rádio”, salientou Paulo Baldaia.

Maria José Morgado, Pacheco Pereira e dois ex-jornalistas da TSF, Rui Gomes e Elisabete Caramelo, são os nomes que já contribuíram para a discussão do futuro da rádio do grupo Controlinveste. Outros nomes, como Rui Rio, vão ser ainda ouvidos.

Em Maio, a TSF começa a discutir internamente as alterações. “A rádio vai fazer um debate interno, com base nos *inputs* de fora e com base naquilo que os próprios jornalistas da estação pensam sobre aquilo que deve ser a rádio, para pensar em alterações, quer em termos de organização, quer de grelha de programação”. Estas alterações na grelha só serão conhecidas em Setembro.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/16/>

Menezes demitiu-se antes de ser “obrigado a sair”

Joana Caldeira Martinho - ljcc05051@letras.up.pt

Miguel Veiga diz que estava em marcha a convocação de um congresso que poderia resultar na demissão da comissão política de Menezes.

Miguel Veiga, um dos fundadores do PSD, diz que Luís Filipe Menezes se demitiu antes de ser “obrigado a sair pela porta baixa”. O advogado do Porto disse ao JPN que Menezes “sabia ou passou a saber” que estava “em gestação um processo de recolha de assinaturas para um congresso. Nesse congresso, se os seus [de Menezes] opositores ganhassem, tal poderia implicar a demissão

da sua comissão política”.

Embora o congresso não possa demitir o líder do partido, pode demitir a comissão política. Se tal acontecesse, seria “um voto de desconfiança” para com o líder do PSD, que “não poderia ficar sozinho” e seria consequentemente obrigado “a sair pela porta baixa, pela porta do cavalo”. O advogado considera que a demissão do deputado de Gaia “só na aparência é que é surpreendente”. Menezes pretendeu “vitimizar-se”, mas “foi vítima dos seus próprios erros, das suas errâncias, da falta de projectos, das inconsistências sistematicamente praticadas por ele e pelo seu grupo directivo”, continua.

Para Veiga, a demissão é “uma manobra de diversão”, já que o ex-líder do PSD “fixou um prazo curtíssimo, absolutamente inadequado para as eleições directas”. O prazo imposto serve apenas “quem já esteja no terreno, e quem está no terreno é ele e só ele”.

Sem manifestar apoio a nenhum possível candidato, Veiga diz que vai escolher “o que estiver em melhores condições para fazer a federação da massa crítica do PSD e a articulação com as bases”. De fora das opções de Miguel Veiga está, novamente, Menezes, se este se recandidatar.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/04/18/>